



*Identidade!* é licenciada  
sob uma Licença Creative Commons.

## APRESENTAÇÃO DOSSIÊ "EXPERIÊNCIAS DA ENCRUZILHADA"

## PRESENTATION OF THE "EXPERIENCES AT THE CROSSROAD" DOSSIER

*José Carlos Gomes dos Anjos*

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1998). Pós-doutorado em *Ecole Normale Supérieure* de Paris (2007). Atualmente é professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul atuando na Pós-Graduação em Sociologia e Desenvolvimento Rural. Trabalha com Sociologia de elites e Relações Interétnicas, Políticas públicas, elites intelectuais, desigualdade racial. Contato: jcdosanjos@yahoo.com.br

### *GeAfro*

GeAfro – Grupo de Estudos Afro – NEAB/UFRGS. Contato: geafro@neab.ufrgs.br

O GeAfro - Grupos de estudos afro-brasileiros, grupo de discentes e docentes do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS e pertencente ao NEABI desta mesma universidade, tem a honra de apresentar o *Dossiê Experiências da Encruzilhada*. Trata-se de uma proposta construída coletivamente a partir dos debates e estudos sobre a tradição de matriz africana. Quando estávamos pensando nas possibilidades de publicar nossos artigos, Janine Nina Fola Cunha, uma das fundadoras do GeAfro, recebeu o convite da Revista *identidade!* – EST para organizar um dossiê e estendeu-o ao grupo que imediatamente aceitou o desafio. Abrimos a chamada de forma universal, mas também convidamos pessoas com quem nos interessaria dialogar, especialmente pelo que tinham de original a partilhar sobre EXPERIÊNCIAS DA ENCRUZILHADA.

A categoria “encruzilhada”, tão cara às expressões afro-brasileiras, vem circulando nos meios acadêmicos como forma de se pensar encontros e desencontros que forçam as diferenças a desencadearem formas e encadeamentos. Esse trabalho com o termo encruzilhada vem sendo realizado a partir de diferentes abordagens e modos de mobilização, seja como objeto de estudo, conceito, ferramenta política, em sua dimensão filosófica, pedagógica e/ou mesmo como metodologia de pesquisa. O dossiê *Experiências da Encruzilhada* pretendeu reunir contribuições dedicadas a multiplicar a potência de inteligibilidade dessa categoria imanente às experiências afro-brasileiras. Nesse sentido, foram recebidos artigos e outros tipos de produções (poesias, crônicas, entrevistas, diálogos etc.) com maior atenção para as autorias cruzadas, produzidas entre duas ou mais pessoas, partindo de diferentes lugares de enunciação

(pesquisadores, mestres e mestras dos saberes, militantes, ativistas, povo de terreiro, quilombolas, capoeiristas, benzedeadas).

Recebemos no período aberto para a estruturação do dossiê vinte e três textos de vários lugares do Brasil, escritos a partir de experiências dos terreiros, quilombos, espaços de ensino/aprendizagem, e outros lugares de experimentação de sentimentos relacionados a encruzilhada. Selecionamos doze artigos, uma entrevista concedida ao GeAfro por Nego Bispo, que intitulamos “Palavras Germinantes” e duas resenhas de dois livros que influenciaram diretamente no panorama atual da discussão sobre o tema, que são os livros “Afrografias da Memória”, de Leda Maria Martins (1997) e “Território da Linha Cruzada”, de José Carlos dos Anjos (2006).

No artigo “Palavras Germinantes – Entrevista com Nego Bispo”, a autora Dandara Rodrigues Dorneles conversa com o poeta, escritor, relator de saberes, lavrador de palavras e liderança quilombola, Antônio Bispo dos Santos, também conhecido como Nego Bispo. A encruzilhada não é um conceito, insiste Antônio Bispo dos Santos na sagaz entrevista que concedeu com generosidade ao dossiê. Nego Bispo reflete acerca das diferenças entre as “palavras germinantes” e os “conceitos”, conversando a respeito de afro-confluência, encruzilhada, contracolônização e decolonialidade. Para o Mestre, as palavras germinantes são vivas, possuem trajetórias, possibilitam reedição diferenciante e geram escritas orgânicas, sementes e frutos que alimentam sentidos outra-mente. Sugere: “a academia vive insistindo para que nossas palavras sejam palavras tratadas como conceito, mas nossas palavras não são conceitos.” A encruzilhada talvez seja então uma palavra-ferramenta, uma palavra que serve para arar o mundo e que no mesmo passo se faz semente que se verte num chão e germina. E a encruzilhada fecunda pensamentos de múltiplas formas. São essas múltiplas experiências aradas na encruzilhada deste dossiê que vamos brevemente cartografar aqui.

Nesse dossiê, a encruzilhada lavrou identidades e germinou encontros em que fluxos infra-pessoais se encontram como encruzilhadas, como no caso do artigo sobre as emoções de duas mulheres que atravessam mares e terras do Brasil e do México para se reterritorializarem numa escrita em português e espanhol, fotopalavreando as dores e prazeres de se ser mulher negra na diáspora. A encruzilhada é aqui “Um reencontro: *ya no Más la soledad y el mar*”, um texto bilíngue, que exprime as experiências de mulheres negras diaspóricas em frente ao Oceano Atlântico, esse grande espaço d’água em que reside a ancestralidade negro-africana. Um relato poético, do que podem oferecer as encruzilhadas de existências.

De modo diferente, as identidades raciais e de gênero podem ser germinadas num belo trabalho artístico que utiliza a técnica de narrativa visual sequencializada com imagens manipuladas digitalmente para produzir uma bela narrativa de situações nas quais pessoas estão em uma “encruzilhada de vida” buscando autoidentificação, definições de gênero e sexualidade; enfrentando o racismo e o desemprego.

Que as encruzilhadas sejam os lugares dos deslizamentos identitários, dos processos de desterritorialização que nos deixam sem chão, mas também o de onde se parte para novos territórios existenciais, fica também atestado no belíssimo exercício de escrevivência da Folyan, desde o território morada da paz.

Mas a encruzilhada pode ser também o exercício de se reencontrar através de uma carta endereçada à Leila Gonzalez e que se faz um artigo neste dossiê. Em todos esses casos salientados acima é a multiplicidade que percorre subjetividades impondo deslocamentos identitários que se abrem para um nomadismo sem fim, sem vistas de reterritorialização. Seguindo o fluxo dessas intensidades identitárias, os artigos desenharam encruzilhadas como intensidades fora do lugar, que precisavam ser percorridas para serem afirmadas como identidades essenciais.

Mas a encruzilhada também germina as possibilidades de se pensar fluxos supra-pessoais de energia que se encontram, por vezes apenas se ajuntando, outras vezes se misturando. Por exemplo, das culturas, tradições e religiosidades do povo bantu com outros códigos e sistemas simbólicos indígenas e cristãos. É o caso, também, quando nos lembram que “para os Bakongo a encruzilhada é o início do mundo. Em outro artigo pode ser também “as linhas abissais que fundamentam a modernidade (colonialismo, capitalismo e patriarcado)” no modo como atravessam a experiência do Reinado da Guarda; de modo similar podemos sentir a encruzilhada quando rufam os tambores destinados aos rituais de exu abrindo passagens entre diferentes modalidades rituais. Essa é a dimensão da encruzilhada tornada clássica pela pensadora – Leda Maria Martins, tal como resenhada com esmero neste dossiê, – que primeiro trilhou o caminho de teorizar de modo sistemático o encontro das diferenças que seguem diferenciando: a encruzilhada pode ser o lugar de mero espelhamento de duas culturas em paralelo, mas também pode ser o lugar da contiguidade em que se dá o deslocamento sógnico que possibilita a recomposição de territórios existenciais. Poderíamos ler, nessa mesma região epistêmica, o artigo “Do quilombo para escola”, quando se reclama que crianças quilombolas que se encontram em escolas não comunitárias possam vivenciar ambientes de encontros entre

as diferenças, equitativos na presença e na valorização de todas as formas de expressão da vida. De todo o modo a encruzilhada está sob o signo de Exu “*locus* tangencial, lugar radial, geratriz de produção sígnica e natureza móvel, sendo ponto de encontro e partida, origem e passagem dos sistemas e epistemes”.

É por esses diferentes modos de uso, exemplificados sumariamente aqui, que como organizadores do dossiê, preferimos pensar que não se trata de promover uma filosofia da encruzilhada. De modo mais chão, se propõe aqui pensar rente às experiências de se estar tomada(o) por forças em colisão, se trata de despedaçamento e recomposição, sempre no plano supra ou infra-pessoal.

Essa presença ostensiva da encruzilhada nas escritas negras talvez tenha relação com o fato de que a negridão só possa ser experimentada a meio caminho entre o infinito e o nada. Veja por exemplo quando crianças negras, no artigo sobre a “Educação infantil e o anti-racismo”, são reencenadas a dizer:

- *Nega ‘micoca’.*
- *Não consigo achar nenhuma imagem bonita!*
- *Que coisa feia!*
- *O meu cabelo balança, o teu não!*
- *Eu prefiro este!* (imagem no verso das fotos fornecidas, com cabelo liso de pessoas brancas).

O que sentimos dolorosamente na voz dessas crianças é a morte social negra sendo experimentada prematuramente. Se como sugerem os afropessimistas, os africanos entravam nos navios e saíam negros, se a negridão é filha do navio negreiro, o dar-se do negro é a encruzilhada. Do completo apagamento só se pode sair projetado no para-além do humano. O que os textos testemunham é a impossibilidade de estancamento dos fluxos desencadeados pela escravidão no plano do humanamente definível. A encruzilhada tematiza fluxos que escapam à pessoa, fluxos que não se estancam na forma sujeito, narra-se de múltiplas formas territórios em processo de deslizamento. A encruzilhada carrega os prazeres e as dores do deslocamento e se abre no para-além do humano. Todos os eventos narrados no dossiê podem ser tomados como desdobramentos da ontologia do navio negreiro em que a negritude é a encruzilhada entre o ser o nada. Se a escravidão e o racismo estruturam a incapacidade do negro de levar humanas, o poder afirmativo leva a recuperação de formas outras de vida que não aquelas que a invasão planetária branca fez mundo. A morte social negra fecunda potências que só podem ser resgatadas como o para-além do humano, como vidas a serem vividas contra o tempo do mundo.

O que é aqui cartografado é a vida nas bordas do mundo que o mundo efetivamente vive. Diante das experiências de anulação sistemática, as formas de vida reinventas nas bordas do desumano são aqui celebradas na forma de narrativas potentes sobre como se deixar tomar, como se perder por intensidades inusitadas, como surgir de novo de forma sempre diferente.

Duas mulheres negras que narram um “reencontro ancestral” pretendem afirmar a vida muito além da reivindicação de direitos a uma vida social. A vida racial que lhes eclode no encontro torna o infinito ativo. Elas estão encontrando na morte social negra um novo lugar para se estabelecer na vida. Essa negritude é irrepresentável, impossível de ser conceituada. Ela só pode eclodir na carne e se fazer escrever no chão, fazer do chão da escrita um terreiro.

A irrepresentabilidade da negritude encontra seu lugar de eclosão mais distante de qualquer conceituação na manifestação do exu cruzado. Como vida impossível de ser vivida, a vida de um exu significa a vida das margens eclodindo como divina, reinventada como novas possibilidades da vida negra além dos limites do humano. Então esta é uma vida que não pode ser contada, só pode ser trilhada, eclodindo de novo e de novo nas batidas de tambores e na proximidade dos orixás.

Está em jogo, no dossiê, se deixar tomar pela força do acontecimento – escravidão – e permitir que o arrebatamento das colisões se faça pensamento. É por isso que encruzilhada se escreve preferencialmente a dois, com frequência, nesse dossiê por múltiplas almas, quatro ou mais mãos, numa profusão de estilos e pela mobilização de recursos no mais das vezes indisciplinados. Numa definição geral se poderia dizer que o pensamento que frequenta a encruzilhada não se deixa capturar pelo humanismo que grassa a academia. Quando parece estar sistematizado, evade-se de novo, agarra-se a um novo pedaço particular de vida, se refaz em sentido completamente inusitado como “saber orgânico” – como extrai o Nego Bispo na preciosa entrevista que pode ser lida na sequência desta apresentação.